

Indefinições provocam desemprego

Diariamente cerca de 400 trabalhadores desempregados amanehem na entrada do canteiro de obras do futuro Hospital Regional do Paranoá à espera de vagas, após a retomada da construção, paralisada há cinco meses. No entanto, pelo menos temporariamente, a tentativa dos pretendentes a um emprego é em vão. A construtora Mendes Carlos, responsável pela obra, está decidida a não contratar mais operários, além dos 100 já existentes, embora haja frentes na obra para mais 500 homens. “Só daremos prosseguimento normal às obras

quando tivermos uma definição da locação dos recursos globais”, frisou o engenheiro responsável Joran Corrêa Costa.

“Estamos voltando ao trabalho, depois de interrompê-lo pela quarta vez consecutiva, mas não temos certeza do recebimento do dinheiro”, reiterou Joran Costa. Iniciadas em julho de 1991 e com término previsto no projeto para janeiro de 93, as obras do futuro hospital já atingiram uma rotatividade de 1.500 operários. Por quatro vezes a construtora foi obrigada a demitir pessoal pela falta de precisão de da-

ta para novos recursos, os quais são repassados pelo Governo Federal.

Os gastos atuais com pessoal são de cerca de Cr\$ 25 milhões por semana, segundo o engenheiro, e as despesas com rescisão contratual “oneraram drasticamente a construtora”, acrescentou. Joran Corrêa Costa reclamou, ainda, dos prejuízos da empreiteira com o desgaste do material — basicamente as formas de madeira e escoramento — que ficam sob a ação do sol e chuva por longo período. “O órgão contratante teria que se responsabilizar pelo material estragado”, advertiu.